



Max Velthuijs
O Sapo e o Estranho

CAMINHO



Um dia chegou um estranho que acampou na orla do bosque. Quem o viu primeiro foi o Porco.



— Já o viram? — perguntou o Porco muito excitado quando encontrou a Pata e o Sapo.

— Não. Como é ele? — perguntou a Pata.

— Cá por mim, acho-o um rato sujo — disse o Porco.

— Que é que ele quer daqui?

— É preciso ter muito cuidado com os ratos — disse a Pata. — São todos uns ladrões.

— Como é que sabes? — perguntou o Sapo.

— Toda a gente sabe — disse a Pata indignada.



Mas o Sapo não estava lá muito convencido. Queria ver com os seus olhos. Quando caiu a noite, viu ao longe um clarão vermelho. O Sapo aproximou-se, muito sorrateiro.



Na orla do bosque viu uma tenda improvisada, feita com um pano atirado por cima de uns paus. O estranho estava a cozinhar. A panela pendurada por cima da fogueira cheirava que era um regalo. O Sapo achou que tudo aquilo tinha um ar muito acolhedor.



- Eu já o vi — disse o Sapo aos outros, no dia seguinte.
— E então? — perguntou o Porco.
— Parece simpático — disse o Sapo.
— Tem cuidado — disse o Porco. — Olha que ele é um rato sujo.
— Aposto que ele vai comer a nossa comida toda sem nunca trabalhar — disse a Pata. — Os ratos são atrevidos e preguiçosos.



Mas não era verdade. O Rato andava sempre atarefado. Arranjou madeira e fez uma mesa e um banco muito jeitosos.

E não era sujo. Andava um bocado amarrotado, mas tomava muitas vezes banho no rio.



Um dia, o Sapo decidiu ir visitar o Rato. O Rato estava a descansar ao sol, sentado no seu banco novo.

— Olá — disse o Sapo. — Eu sou o Sapo.

— Eu sei — disse o Rato. — Vê-se bem. Não sou parvo. Sei ler e escrever e falo três línguas: português, francês e inglês.

O Sapo ficou impressionado. Nem a Lebre sabia assim tanto.



Nesse momento chegou o Porco.

— De onde és tu? — perguntou ele ao Rato com voz zangada.

— De todo o lado e de lado nenhum — respondeu o Rato calmamente.

— Bem, por que é que não vais para a tua terra? — gritou o Porco. — Não tens nada que estar aqui.

O Rato manteve-se calmo.



— Tenho viajado pelo mundo inteiro — disse o Rato, impassível. — Isto aqui é tranquilo e tem uma linda vista para o rio. Gosto de aqui estar.

— Aposto que roubaste a madeira — disse o Porco.

— Encontrei-a — disse o Rato numa voz digna. — É de todos.

— Rato sujo — murmurou o Porco.

— Pois, pois — disse o Rato amargamente. — Sou sempre o culpado de tudo. O Rato é sempre acusado de tudo.

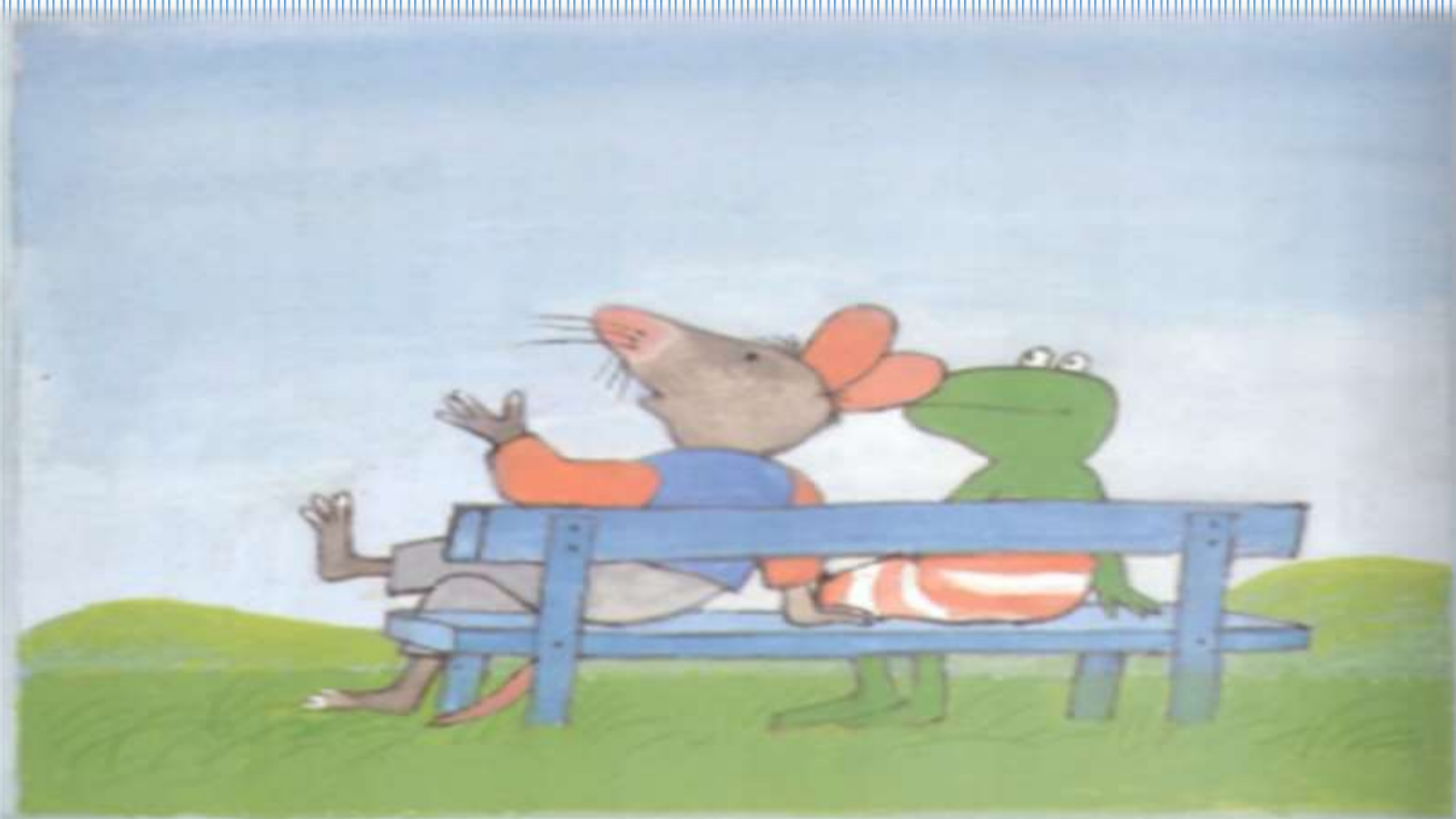


O Sapo, o Porco e a Pata foram visitar a Lebre.

— Aquele Rato sujo tem de se ir embora — disse o Porco.

— Não tem o direito de estar aqui. Rouba a nossa madeira e ainda por cima é malcriado — gritou a Pata.

— Calma, calma — disse a Lebre. — Ele pode ser diferente de nós, mas não está a fazer mal nenhum, e a madeira é de toda a gente.



Daf em diante o Sapo ia muitas vezes visitar o Rato. Sentavam-se os dois no banco a gozar a vista, e o Rato contava ao Sapo histórias das suas aventuras pelo mundo fora; tinha viajado muito e tinha vivido muitas experiências emocionantes.



O Porco censurava o Sapo.

— Não devias andar com aquele rato sujo — disse ele.

— Porquê? — perguntou o Sapo.

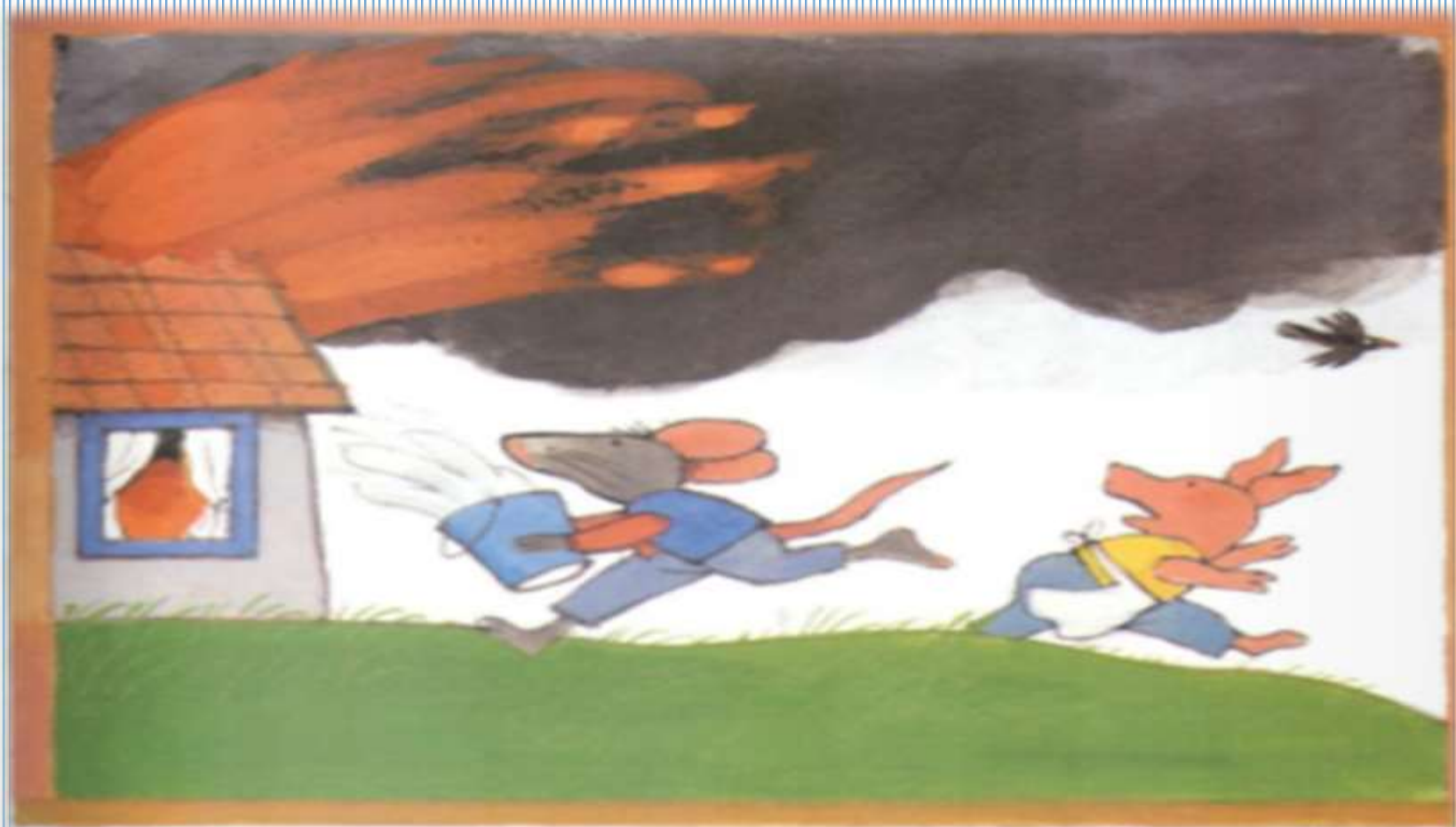
— Porque ele é diferente de nós — disse a Pata.

— Diferente? — disse o Sapo. — Mas nós somos todos diferentes!

— Não — disse a Pata. — Nós somos do mesmo grupo. O Rato não é de cá.



Um dia, o Porco foi descuidado quando estava a cozinhar. O óleo incendiou-se. O fogo espalhou-se rapidamente e a casa ficou toda em chamas.



O Porco saiu de casa a correr, muito assustado.
— Fogo! Fogo! — gritou ele.
Mas o Rato já ali estava. Correu entre o rio e a casa com baldes de água e combateu as chamas até apagar o fogo.



A casa do Porco ficou com o telhado todo destruído. Os animais reuniram-se todos em volta dela, chocados. O Porco estava sem casa. Mas afinal não havia motivo para preocupações. No dia seguinte, o Rato apareceu com um martelo e pregos. Em menos de nada reparou a casa.



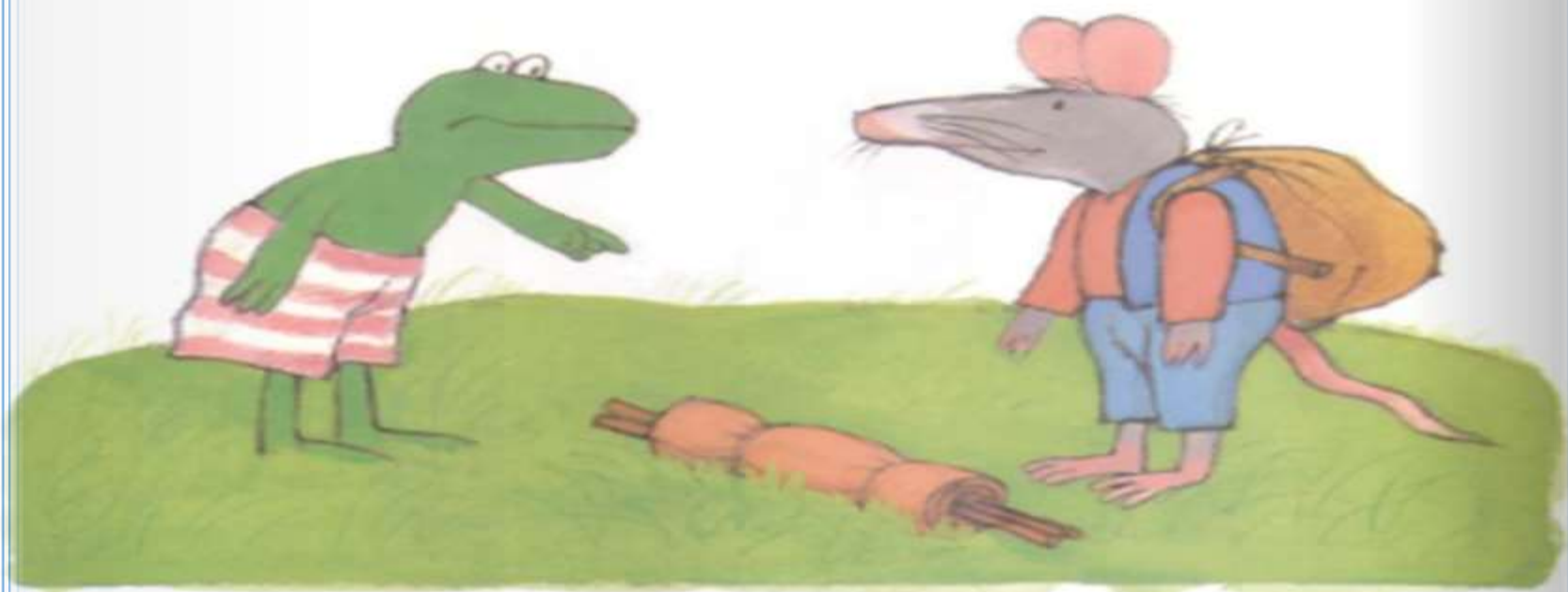
De outra vez, a Lebre foi ao rio buscar água. De repente escorregou e caiu fora de pé. A Lebre não sabia nadar. — Socorro! Acudam! — gritou ela. Foi o Rato quem ouviu os gritos, e lançou-se imediatamente à água. Salvou a Lebre e pô-la a salvo na margem.



Agora todos achavam que o Rato podia ficar. Ele era alegre e bem-disposto e estava sempre pronto a ajudar. E tinha muitas ideias de coisas boas para fazer, como piqueniques à beira-rio ou passeios pela floresta.



E à noite contava-lhes histórias acerca de dragões da China e de outras coisas emocionantes que tinha encontrado pelo mundo fora. Era um momento muito agradável, e o Rato tinha sempre histórias novas para contar.



Mas um belo dia o Sapo foi visitar o seu amigo Rato, e nem conseguia acreditar no que os seus olhos viam. A tenda tinha sido desmontada e o Rato estava de mochila às costas.

— Vais-te embora? — perguntou o Sapo, muito espantado.

— É tempo de partir — disse o Rato. — Se calhar vou para a América. Nunca lá estive.

O Sapo ficou tristíssimo.



De lágrimas nos olhos, o Sapo, a Lebre, o Porco e a Pata disseram adeus ao seu amigo Rato.

— Talvez um dia eu volte — disse o Rato alegremente. — Nessa altura construo uma ponte sobre o rio.

E foi-se embora — aquele Rato sujo, mas simpático, atrevido, esperto e amigo de ajudar. Ficaram a vê-lo até ele desaparecer por trás da colina.

— Vamos ter saudades dele — disse a Lebre suspirando. Sim, o Rato deixou um vazio. Mas o banco ficou, e os quatro amigos sentavam-se nele muitas vezes, a falar e a recordar o seu grande amigo Rato.

Fim



Cristina Moreira